

1 Introdução

Quando os primeiros escritores da história romana, conhecidos como “analistas”, iniciaram a sua tarefa durante os últimos dois séculos da República, eles olharam para um passado nebuloso. Aqui e ali um marco parecia emergir das névoas do tempo. O mais proeminente destes era o Templo de *Jupiter Optimus Maximus*, na colina do Capitólio (figs. 1.1, 1.2). Este templo, de 62 m de largura, rivalizou, pelo menos em sua dimensão, com os templos das mais ricas cidades gregas da Ásia Menor ou Sicília. Era famoso por ter sido erguido pelos reis do séc. VI a.C. e dedicado no primeiro ano da República, em 509 a.C. As inscrições que datam dos séculos antes de 387 a.C., outro ano marco na história de Roma, quando os gauleses do Vale do Pó parecem ter derrotado o exército romano e saqueado a cidade aberta (enquanto somente o Capitólio resistiu e foi eventualmente poupado), eram poucas e difíceis de entender. Uma lista de magistrados (os *Annales Maximi*), com um pequeno número de eventos de seus anos de ofício, foi compilada no final do séc. II a.C. pelo principal sacerdote romano, o *Pontifex Maximus*. A confiabilidade dos registros oficiais em que era baseada pode apenas ser conjecturada. Lívio pensou que nenhum registro houvesse sobrevivido do período anterior ao desastre provocado pelos gauleses. E mesmo seguindo a redação e reconstrução do séc. II, diferentes tradições permaneciam, como podem ser vistas pelas discrepâncias entre as principais fontes contínuas: Lívio (59 a.C.-17 d.C.), Dionísio de Halicarnasso (em Roma depois de 30 a.C.), Diodoro Sículo (ativo entre 60-30 a.C.) e os *Fasti Capitolini*, a lista de cônsules (*Fasti Consularis Populi Romani*) e de generais vitoriosos de acordo com seus triunfos (*Fasti Triumphales Populi Romani*) afixada no Fórum sob Augusto. As tradições de família das grandes casas de Roma, incorporadas nas orações fúnebres para seus vários membros, não eram nenhum guia melhor para o passado. A opinião de Cícero (Brutus XVI, 62) não era nada lisonjeira: “Estas orações deixaram a história de nosso Estado cheia de mentiras. Existem muitas coisas escritas nelas que nunca aconteceram, tais como falsos triunfos, cópias consulados, genealogias falsificadas seja por patrícios assumindo status de plebeus ou quando homens de condições mais baixas são misturados com outra família do mesmo nome”. Uma inscrição datando dos sécs. V ao III a.C. registrando os proeminentes antepassados de uma família etrusca de Tarquínia e seus atos, é tida como um exemplo de tais *fasti*. Mas isso não responde à acusação de exagero e falsificação de Cícero. Ainda menos confiáveis como fontes históricas teriam sido as canções de banquetes romanos falando dos feitos de tempos antigos. Nenhum fragmento destas canções foi preservado, mas canções de banquetes chamaram fortemente a atenção dos historiadores do séc. XIX como uma fonte possivelmente genuína para o início da história romana.

Os mais antigos analistas, Fábio Pictor e Cíncio Alimento, ambos homens de importância durante o período da Segunda Guerra Púnica (séc. III a.C.), escreveram em grego para um público grego, com a intenção, ao que parece, de contrariar a propaganda cartaginesa face ao crescimento romano junto ao poder mundial. Seus trabalhos, como aqueles dos outros analistas, pereceram e são conhecidos apenas por escassos comentários e citações de historiadores posteriores. Julgando o número de capítulos (“livros”) em seus trabalhos dedicados ao início dos tempos, eles restabeleceram o início de Roma rapidamente. Para os primeiros períodos da história da cidade eles podiam deter-se nas escrituras de um grande grupo de historiadores gregos retrocedendo aos autores sicilianos do séc. V e culminando em Timeu de Tauromênio (séc. III a.C.), que tratou de Roma em seu relato da história do Ocidente. Talvez muito do embelezamento da lenda romana deva-se a estas fontes gregas. A segunda e terceira ondas dos analistas romanos, agora usando o latim e então escrevendo para um público exclusivamente romano, produziram relatos mais volumosos sobre o início de Roma partindo das mesmas fontes, domésticas e estrangeiras, que tinham sido utilizadas por seus predecessores. Frequentemente estimulados pelo desejo de glorificar seu próprio clã e difamar outros, artifícios e imaginação eram intensamente utilizados. De acordo com Lívio (XXX, 19,11), um dos analistas mais tardios, Valério Antias, escreveu “Desavergonhadamente sobre fatos, negligentemente sobre omissões”.

Tal era o pano de fundo das histórias interligadas escritas sob o reinado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) por dois retóricos, Lívio e Dionísio de Halicarnasso. Eles não podiam melhorar suas fontes, embora Lívio, em particular, livremente admitisse sua desconfiança delas. Lívio não estava escrevendo como um historiador no

sentido moderno da palavra, mas como um moralista recontando histórias para a edificação de seu público. Dionísio escreveu para seus leitores gregos (que incluíam todos os romanos educados daquele tempo) de maneira semelhante, com menos poder que Lívio e com um talento desenfreado para compor discursos artificiais.

Em tempos modernos, as inconsistências e improbabilidades da história dos reis e do início da República (o período arcaico de Roma) foram notadas não muito depois que leitores tivessem cópias impressas dos textos clássicos em suas mãos. Depois de 1800, o movimento da hiper-crítica, que já trabalhava no estudo das escrituras sagradas, encontrou um outro campo fértil na Roma primitiva. O que Niebuhr iniciou em 1826 Ettore Pais terminou um século mais tarde. Na visão desses estudiosos, argumentada com detalhes de pesquisa e com uma não pequena dose de bom senso, a história do início de Roma foi, em grande parte, fabricada, romaneando seus poucos traços de tradição real com acabamentos gregos. Supriu a vaidade das famílias proeminentes do final da República, inflou a importância da pequena cidade do período arcaico e disfarçou a fraqueza militar dos romanos no confronto com seus inimigos próximos. Os historiadores de Augusto, além disso, foram incapazes de conceber a história política sem as demandas de distribuição de terras que foi o motor da política romana no fim da República e sem as rivalidades dos patrícios e plebeus, como se essas demandas sociais tivessem existido ao mesmo tempo. O grande Mommsen lutou com o problema das tradições de Roma primitiva, mas quando ele escreveu sua *História Geral de Roma (Römische Geschichte)* ele decidiu que os séculos iniciais de Roma eram muito incertos para serem apresentados de forma narrativa.

Nem Pais nem Mommsen sustentaram uma alta opinião sobre a utilidade da Arqueologia como uma ferramenta no estudo da História Antiga. Mas nas décadas recentes a Arqueologia desempenhou um papel decisivo no estudo da história de Roma primitiva porque, quando se expandiu a redescoberta de vestígios de Roma e do Lácio antigos, do período entre os sécs. X e V a.C., esta encorajou uma visão mais sanguínea da tradição histórica romana. A antiguidade do assentamento em Roma foi pela primeira vez provada de maneira convincente pela descoberta de Giacomo Boni, nos anos entre 1902 e 1911, de um cemitério da Idade do Ferro do Fórum Romano. Se os romanos do tempo do Rômulo tiveram suas tumbas no vale de Fórum, as casas do mesmo período não podiam estar longe e, de fato, elas logo vieram à luz na colina do Palatino. A historicidade dos reis etruscos também emergiu, parece, de forma material. Em 1899 Boni descobriu o *cippus* (cipo, pequena coluna sem capitel) arcaico com inscrição, abaixo do pavimento quadrado de pedras pretas do Fórum Romano colocado durante o Alto Império, e que, de acordo com uma tradição amplamente aceita, marcava o lugar onde Rômulo foi enterrado. O fato de que uma das poucas palavras lidas por todos os estudiosos, nesta inscrição truncada, escrita num desconcertado latim arcaico, era *rex* (rei), tornou-se uma arma poderosa na argumentação para a veracidade da Roma dos reis. De fato, no início de séc. XX foi se desenvolvendo um compromisso entre os historiadores, associados particularmente com os nomes de Beloch e De Sanctis, menos críticos da tradição recebida do que Niebuhr e Pais, e dispostos a aceitar muito desta tradição para a reconstrução da história dos primórdios de Roma. Alguns estudiosos, encorajados por descobertas arqueológicas, foram mais longe. No final dos anos 20, a Sra. Ryberg escreveu sobre a “Justeza essencial das próprias tradições romanas relativas a sua história mais antiga”. E, em 1936, G. Pasquale estava na crista da onda histórica quando publicou seu ensaio *La grande Roma dei Tarquinii* (A Grande Roma dos Tarquínios).

Dois anos mais tarde uma descoberta pareceu revelar a Roma dos reis em todo seu esplendor: os primeiros níveis (sécs. VII a V a.C.) subjacentes aos templos gêmeos descobertos em 1937 abaixo e ao lado da igreja de Sant’Omobono, logo abaixo da colina do Capitólio, e ao longo da estrada que liga o Fórum Romano ao Tibre e aos mercados de gado e produtos agrícolas localizados na margem deste rio (Fórum Boário e Fórum Holitório) (figs. 1.1). O escavador A.M. Colini imediatamente identificou os templos gêmeos da fase mais antiga do sítio como os templos de Fortuna e Mater Matuta (Aurora) conhecidos por serem erigidos no Fórum Boário e frequentemente mencionados juntos. Quando um templo arcaico foi descoberto abaixo de um destes santuários, cuja primeira fase pôde ser datada com anterior a 550 a.C., este foi considerado como sendo o templo de Mater Matuta do rei Sérvio Túlio.

Finalmente, o grandioso trabalho de síntese arqueológica executado por Einar Gjerstad aceitou a nova interpretação, diferindo desta apenas nas datas atribuídas às várias fases. Um movimento geral para revisar a “baixa cronologia” de Gjerstad cancelou até mesmo suas modificações da tradição antiga e nos forneceu trabalhos nos quais a arqueologia marcha de mãos dadas com os analistas de Rômulo até Tarquínio o Soberbo.

Uma das mais importantes descobertas arqueológicas em relação à história dos primórdios de Roma também destaca com muita clareza a natureza dos problemas conectados com estas tradições. Em 1857, Alessandro François, explorador de cemitérios etruscos, descobriu uma tumba em Vulcis, que agora porta seu nome. Os afrescos da tumba François passaram para a coleção da Vila Albani, em Roma, e nunca estiveram disponíveis para visitação pública. Eles pertencem ao séc. IV e são compostos de duas seções, que eram exibidas ao redor das paredes de uma única câmara. Ambas servem para satisfazer a necessidade etrusca por sangue para honrar os mortos, um desejo que encorajou a repetição dos mais sangrentos episódios do repertório da mitologia grega na sua arte fúnebre. Em uma parede e parte de outra o herói Aquiles é visto sacrificando os cativos troianos no túmulo de Pátroclo, enquanto Etéocles e Polínices, entre outras cenas, tomam parte em um duelo mutuamente destruidor. As pinturas correspondentes são semelhantemente sanguinárias, mas não são tiradas da mitologia grega. Mais do que isso, seus temas eram bastante etruscos. Uma figura tida como Cneve Tarchunies Rumach (Gnaeus Tarquinius Romanus) é atacada por Marce Camitlnas (Marcus Camillus?). Então, através do sacrifício homérico a Pátroclo, um guerreiro denominado Macstrna (Mastarna) encontra-se libertando um Caile Vipinas (Caelius Vibenna) das correntes. Em seguida aparecem três duelos de morte. Larth Ulthes transpassa Laris Papatlnas Velznach (Volsinii?). Rasce vem contra Pesna Arcmsnas Sveamach (Sovana?) e Aule Vipinas mata Venthicau [...]plsachs. Apesar de suas referências a Roma e a cidades etruscas, o significado destes encontros entre etruscos e pelo menos um campeão do Lácio (Camilo), estaria perdido para nós se não fosse pelos nomes de Mastarna e dos irmãos Vibenna, que também são conhecidos na história romana.

As fontes para a história romana inicial para as quais nos voltaremos agora são incomuns, mas importantes. Elas incluem algumas das melhores mentes do final de República e Império: Varrão, o estudioso pioneiro do idioma latino e das instituições romanas (116-27 a.C.), o imperador Cláudio (10 a.C.-54 d.C.), que foi arrancado de uma vida de estudos para assumir a púrpura imperial e cuja especialidade era a antiguidade etrusca, e finalmente, Tácito, o Tucídides romano (ca. 56-113 d.C.). De acordo com Tácito (*Ann.* IV, 65) a colina Célio, uma vez conhecida como *Querquetulanus* (dos carvalhos que cresciam no local), foi renomeada quando o capitão etrusco Caelius Vibenna assentou-se ali na época de Tarquínio Prisco, ou talvez sob um outro rei. Cláudio, cujas observações chegam até nós numa inscrição que fornece o texto de um discurso do imperador, notou que o rei Sérvio Túlio era um aliado de Caelius Vibenna (*CIL* XIII n° 1668). Depois da morte do último, o rei trouxe os remanescentes de seus seguidores para Roma e os assentou sobre a colina renomeada em sua honra. O próprio Sérvio portava anteriormente o nome etrusco Mastarna. Varrão (*LL* V, 46) transporta Caelius Vibenna de volta ao reinado de Rômulo. E para completar esta série de opiniões contraditórias podemos notar que Verrio Flaco (tutor dos netos de Augusto) parece ter dito que Célio e seu irmão ajudaram o rei Tarquínio (na fragmentária epítome de Festo p. 355 M). O par também aparece num espelho etrusco no Museu Britânico atacando Caco, o demônio do Palatino ou uma transmutação de Tarcun/Tarquínio.

Retornando à tumba François, ainda encontramos variações adicionais sobre o tema. O Tarquínio de Roma caindo na frente de Marcos Camilo não é Lucio (como os dois reis romanos) ou Lucomo, um título etrusco, assim, transformado em um nome romano, mas Gnaeus. Mastarna, como Cláudio manteve, aparece como o aliado e salvador de Célio Vibenna. E Aulo Vibenna também é conhecido na história etrusca ilustrada na tumba. De fato Cláudio, não surpreendentemente, dados seus interesses, parece repetir a versão etrusca. Mas o que aconteceu em Roma? Existe incerteza completa sobre as relações de Célio e Aulo Vibenna com os romanos e seus reis. À parte uma associação topográfica, existia confusão. A narrativa normal da história de Roma, compilada na República tardia e recontada por Lívio e Dionísio, eliminou tais figuras importunas como os irmãos Vibenna e a questão do verdadeiro nome de Sérvio Túlio. Se mais registros como aqueles da tumba François e a oração de Cláudio fossem preservados, encontraríamos indubitavelmente contradições semelhantes e figuras perdidas a cada retorno à história primitiva de Roma. O problema que confronta o historiador é determinar a que distância ele pode desenvolver sua narrativa a partir de um simples nome. Embora personalidades e lugares sejam registrados, as relações entre eles são obscuras. Tais perguntas, já ocupando muitos volumes, não são o objetivo deste livro. Mas devemos ainda enfrentar o uso que foi feito da Arqueologia para encorajar a fé na narrativa comum de Roma primitiva.

Em 1973, Ferdinando Castagnoli, professor de topografia na Universidade de Roma (hoje, La Sapienza) e distinto sucessor das grandes figuras de dois séculos de pesquisa na história e monumentos da cidade, publicou um estudo intitulado “Topografia romana e a Historiografia de Roma Arcaica”. Castagnoli citou escavações em três áreas principais de Roma, que, na sua opinião, confirmaram a tradição relativa ao

período da realeza e o início da República. A primeira era o Templo dos Castores, Castor e Polux, os gregos Dióscuros, no Fórum Romano. O templo fica ao lado da Basílica Julia preservando sua forma concebida no fim do séc. I d.C. (fig. 1.3). Suas três colunas sobreviventes e o entablamento acima deles têm sido um marco através dos séculos. O templo foi estabelecido, Lívio nos conta (II, 20, 2), após a batalha no Lago Regilo (*Gabii*) em 496 a.C., quando a jovem República confrontou e derrotou suas cidades irmãs da Liga Latina. O templo foi dedicado em 484. Depois da batalha, os Dióscuros foram vistos dando água a seus cavalos na fonte de Juturna, no Fórum. Eles ajudaram os romanos e seu culto foi trazido para a cidade. Para Castagnoli o templo e a tradição do culto pesou fortemente a favor do relato histórico. Recentemente escavações foram conduzidas na parte interna do pódio do templo existente. O primeiro templo no local pode agora ser restaurado como uma grande estrutura de 27,5 m de frente e 37-40 m de lado. Do preenchimento do templo posterior dos Castores, erguido durante a República, e sobreposto ao primeiro templo, vieram fragmentos de antefixos (coberturas mascarando a articulação entre telhas na extremidade do telhado ou desenvolvimentos ornamentais dos mesmos) do tipo Juno Sospita (fig. 11.10). Se estes pertenceram ao edifício anterior, eles datariam de forma geral do início de séc. V a.C., mas tais antefixos eram comumente utilizados naquela época e os pedaços do Fórum podem ter pertencido a outra estrutura. Dois exemplos do tipo vêm do Palatino bem como outro vem de baixo da Basílica Julia. Outros antefixos de um tipo comum naquela mesma época e encontrados em seus arredores também foram atribuídos ao templo. Telhas timbradas foram adicionadas nas arestas do edifício e outros fragmentos de disco acrotério, colocado no ápice do telhado em cada canto das arestas, além de antefixos com górgonas. Os últimos artigos, típicos de um período um pouco mais antigo não são completamente consoantes com a data de um edifício do início do séc. V a.C. Em geral, a evidência da escavação não pode provar que um templo foi dedicado naquele lugar no início do séc. V a.C..

O segundo monumento considerado por Castagnoli foi o Templo de Jupiter Optimus Maximus. Existe, ele notou, “convicção quase unânime” na tradição de sua construção sob os Tarquínios (Prisco e/ou Soberbo) e sua dedicação durante o primeiro ano da República (509). O grande templo foi erguido sobre suas fundações exibindo seu pódio, que estava subjacente ao Palácio Caffarelli (a Embaixada Imperial Germânica, quando, após a Primeira Guerra Mundial, passou a fazer parte dos Museus Capitolinos, em 1925): figs. 1.1 e 1.2. As fundações, impressionantes por si sós, erguiam-se numa altura de 15 fiadas de pedra e tinham um pódio de 62 X 53,3 m. Se o edifício ocupasse o espaço inteiro assim contado era um gigante entre os templos da Etrúria e do Lácio. Foi reconstruído nesta escala depois do incêndio de 83 a.C., e apesar da sugestão de que o templo original pudesse ocupar apenas parte do pódio, é difícil não crer que a restauração seguisse as linhas do edifício preexistente.

O Templo de Jupiter Optimus Maximus pareceria, assim, ter sido o principal monumento da Grande Roma dos Tarquínios. Mas antes de adotar esta conclusão devemos lidar com um aspecto das fundações. Acima da décima segunda fiada das fundações, as dimensões dos blocos de pedra vulcânica, ou tufa (*cappellaccio*) mudam de uma altura de 30-32 cm para 40 cm. É definitivamente atestado que as fundações do templo não foram reconstruídas depois do incêndio de 83 a.C. E elas certamente não foram reconstruídas quando o templo foi novamente restaurado depois do incêndio de 69 d.C. desde aquela época pedras de *cappellaccio* não eram mais utilizadas como material de construção. E quais as razões que existem para pensar que as fundações do templo abaixo do nível do pavimento teriam sido afetadas pelo fogo? Talvez uma outra hipótese possa ser desenvolvida: que a diferença na construção era devido a uma suspensão de trabalhos no edifício. O trabalho foi iniciado, suspenso, e retomado mais tarde. Os romanos sabiam que um Marco Horácio havia dedicado o templo. Mas além do cônsul do primeiro ano da República, artificialmente inventado, nós sabemos de um tribuno consular do mesmo nome de 378 ou 376 (Lívio VI, 31, 1, 5), embora o ano civil de seu ofício seja incerto. Mas ainda, se então se deseja, haveria um M. Horácio disponível para dedicar o Templo de Jupiter Optimus Maximus durante o séc. IV, numa época distante o suficiente do início das escrituras históricas de Roma que uma inscrição com seu nome poderia ser mal interpretada como aquela do cônsul de 509 – para a grande glória de Roma e dos Horácios. Em sua forma completa o Templo de Jupiter Optimus Maximus seria, assim, o monumento do séc. IV e de uma cidade a caminho de uma posição dominante na Península Itálica.

Segue-se que muito da tradição que cerca o edifício não pode ser aceita. Vulca de Veios, o coroplasta mestre (escultor em argila), supostamente chamado para elaborar a estátua de culto e terracotas arquitetônicas (Plínio *NH XXXV*, 157), nunca existiu. A escultura de Júpiter triunfante em sua quadriga no telhado (Lívio X, 23, 11) não foi colocada antes de 296 a.C. e a data da instalação deste elemento final na decoração do templo sugere a datação do edifício.

Continua o problema de datar a primeira fase dos trabalhos na construção das fundações antes de sua interrupção. Aqui a Arqueologia pode ser de nenhuma ajuda. Qualquer vestígio da construção original das fundações há muito tempo foi perdido nas reconstruções ininterruptas a que o local foi sujeito desde a Antiguidade. O projeto do templo pode bem pertencer aos reis do séc. VI. Mas mesmo assim, seus recursos não eram suficientes para conduzir o trabalho adiante.

Arqueologicamente, a lembrança mais vívida de Roma do século VI é encontrada no santuário de Sant'Omobono, em seus primeiros níveis (séculos VII a V) subjacentes aos templos gêmeos situados abaixo (e ao lado) da igreja de Sant'Omobono (figs. 1.1, 5.1, 5.2). Embora a identificação de Colini dos templos gêmeos republicanos com os de Fortuna e Mater Matuta e sua suposição de que o santuário arcaico subjacente fora o templo dedicado a Sérvio Túlio para esta última deusa seja amplamente aceita, a evidência na qual se apóia não é convincente.

Os textos mais importantes são aqueles de Lívio (para os quais a evidência de Plutarco, *Vida de Camilo*, Dionísio de Halicarnasso, e Ovídio, no *Fasti*, é, em todo caso, de importância secundária).

Escrevendo os eventos ocorridos em 396, durante o assédio de Veios, Lívio diz (V, 19,6) que Marco Furio Camilo “jurou que se Veios caísse e o Senado desse sua aprovação, ele realizaria jogos de grande escala e dedicaria um templo refeito de Mater Matuta que tinha sido dedicado no passado pelo rei Sérvio Túlio”. Havia, claramente, um templo arcaico de Mater Matuta, mas de Mater Matuta apenas.

Para o ano 213, novamente Lívio (XXIV, 47, 15-16): “Em Roma um incêndio queimou por duas noites e um dia. Tudo, de painéis ao Portão de Carmenta, foi arrasado junto com o Vico Aequimaelio e o Vico Jugario e os Templos de Fortuna e Mater Matuta. E fora do portão o fogo abria uma larga trilha queimando muitos santuários e edifícios não sagrados”. Os templos de Fortuna e Mater Matuta são mencionados juntos. Mas deve-se notar que eles são dois dos quatro pontos de referência citados, com a intenção, parece, de mostrar a extensão da destruição.

Finalmente, para 196 Lívio (XXXIII, 27, 4-5) reporta o seguinte, relativo a Lucius Stertinius depois de seu retorno da Espanha: “L. Stertinius ... ergueu de sua parte do saque dois arcos no Fórum Boário, diante do templo de Fortuna e do templo de Mater Matuta, e um no Circo Máximo e colocou estátuas douradas nestes arcos”.

É esta última passagem que provê a principal sustentação para o que tem sido chamado de “intuição feliz” de Colini. Mas a fim de aceitar sua identificação dos templos gêmeos como sendo os de Fortuna e Mater Matuta deve-se encarar os dois arcos como estando do lado de fora da *area sacra* (não existe nenhum traço dos dois arcos intra-muros) além do arco no Circo Máximo. Isto é possível, mas não necessário, e sem fazer violência ao texto de Lívio podemos também encarar os dois arcos como colocados diante de dois templos localizados em partes diferentes do Fórum Boário. Certamente, neste último caso, o efeito dos monumentos de Stertinius não teria sido menos mas, possivelmente, mais imponente. Além disso, se os dois templos eram marcos separando a área do Fórum Boário, a menção de Lívio sobre eles, juntamente com o Vico Equimaelio e o Vico Jugario, com relação ao incêndio de 213 faz sentido como um meio de definir a extensão da devastação. Resumindo: os templos de Fortuna e Mater Matuta não eram necessariamente situados um ao lado do outro, e não existe nenhuma evidência concreta para identificar qualquer um com os vestígios do santuário de Sant'Omobono.

Castagnoli colocou pouca ênfase nas fortificações da Roma arcaica como evidência para o tamanho e importância da cidade arcaica. A existência de tais fortificações, cercando uma área de aproximadamente 246 hectares dentro das muralhas republicanas existentes, é extremamente duvidosa.

Esta resenha mostrou o quão difícil é citar evidências arqueológicas em defesa dos relatos dos analistas sobre o início da história de Roma. O primeiro templo dos Castores no Fórum ainda é um mistério. Em algum momento durante ou depois do período da realeza iniciaram-se os trabalhos na construção de um templo principal a Júpiter, no Capitólio, mas os trabalhos foram suspensos e no processo de conclusão do edifício o último elemento de decoração arquitetônica não foi colocado até 296 a.C. Um santuário existiu no Fórum Boário e escavações demonstram que era visitado por etruscos (que deixaram objetos e fizeram seus grafites) e por importadores de mercadoria grega e oriental. Mas, a identificação deste templo com o templo de Mater Matuta, supostamente erguido pelo rei Sérvio Túlio, é improvável.

A Arqueologia merece mais do que ser uma muleta para as histórias dos analistas e seus seguidores. Seu próprio relato não é menos fascinante, e tem uma vantagem suprema acima da tradição escrita: sua evidência é direta e incontaminável. As páginas seguintes são uma tentativa de responder o chamado para transformar a Arqueologia em História.

Uma breve descrição da história romana

Por tradição a história de Roma começa no séc. VIII com a fundação da cidade por Rômulo. A data de 753 é frequentemente citada, mas as fontes antigas apresentam datas tão antigas como 814, ou mais recentes, como 729. No pensamento dos romanos este evento marcou o verdadeiro início da cidade enquanto as histórias de Evandro, o colono grego de Roma, e Enéias o troiano, o progenitor de Rômulo pela linha dos reis de Alba, pertenciam a um distante e separado passado. De acordo com antigos cálculos, a Guerra de Tróia e a fuga de Enéias para a Itália teriam acontecido bem antes de 1000.

O assentamento de Rômulo, acredita-se, tinha sido um pouco mais que um refúgio para os inquietos ou fugitivos dos arredores. Requeria uma fusão com os vizinhos sabinos, levados por seu rei Tito Tácio, a criar uma cidade verdadeira, um evento lembrado no conto do rapto das sabinas pelos romanos. Rômulo e Tito Tácio foram seguidos primeiro por Numa Pompílio, depois por Tulo Hostílio e então por Anco Márcio. Estes primeiros reis foram sucedidos por uma dinastia de origem etrusca, os Tarquínios. O primeiro da família, Lucomo e sua esposa Tanaquil, vieram de Tarquínia para Roma. Seu filho Tarquínio Prisco foi o sucessor escolhido de Anco Márcio, confirmado como sempre por eleição. Os filhos de Anco subsequentemente assassinaram Tarquínio, mas seu genro Sêrvio Túlio tomou o poder. O último rei de Roma, Tarquínio, o Soberbo, chegou ao poder por um golpe súbito no palácio instigado por sua esposa Túlia, filha de Sêrvio Túlio. Afinal, em 509, em uma revolução desencadeada pelo estupro da nobre senhora Lucrecia por Sexto Tarquínio, filho de Tarquínio, o Soberbo, os romanos expulsaram o rei e sua família. Embora a cidade fosse atacada, e possivelmente tomada pelo líder etrusco Lars Porsenna, isto foi meramente um episódio final do período etrusco. Houve oportunidade para alguns dos mais famosos contos do heroísmo romano, da parte de Horácio Cocles (o solitário defensor da ponte), Múcio Scaevola (que manteve sua mão firme no fogo para provar a coragem de um romano) e a donzela Clélia (líder intrépida da fuga de reféns romanos do acampamento de Porsenna). A cidade e seu crescente território passaram a ser conduzidos por magistrados eleitos por um ano ou menos (sob vários títulos: cônsules, ditadores, pretores, decênviros – comissão de dez magistrados –, tribunos militares). Entretanto, a força mais importante no governo era a do Senado, um conselho de anciãos tirados de um circunscrito grupo de famílias, os patrícios.

As famílias patrícias, originalmente trinta em número, eram representadas na assembléia da cúria, formando “o povo romano”. Os patrícios exerciam um monopólio efetivo da religião através de seus sacerdotes, do governo através do Senado, e de leis através de magistraturas que de fato dominavam e frequentemente reivindicavam manter por direito exclusivo. Eles manejavam poderes adicionais através de seus clientes, indivíduos ligados a famílias patrícias por tradições formais de dependência e proteção. Distintos dos patrícios e seus clientes eram os plebeus: cidadãos, mas cidadãos que não gozavam de nenhum dos poderes e privilégios dos patrícios. Na tradição, os plebeus alcançaram pela primeira vez uma medida de importância política sob o rei Sêrvio Túlio, que, se acredita, instituiu uma reforma no exército, ordenando-a por classificação com base na riqueza e investindo o exército então ordenado com o status de uma assembléia política (*comitia centuriata*). Os patrícios no comando da jovem República, porém, opunham-se aos direitos dos plebeus e entre 494 e 449 foram necessárias cinco secessões dos plebeus (retiradas de massa dos plebeus para um local fora dos limites oficialmente estabelecidos da cidade de onde eles podiam tratar com os patrícios como com um Estado estrangeiro) para eles começarem a alcançar reconhecimento político. O conto do mau decênviro Cláudio e da inocente virgem Virginia reflete as reclamações dos plebeus num romance popular. O núcleo da proteção conquistada pelos plebeus era o cargo de tribuno da plebe e o direito de apelar de uma sentença capital emitida por um magistrado ao corpo do povo. Estas reformas políticas não foram completadas até o séc. III a.C., quando finalmente passaram leis pela assembléia plebéia e foram reconhecidas como sendo obrigatórias para toda a comunidade (287). A admissão plebéia nas mais altas magistraturas da cidade passou a ser aceita dois séculos mais tarde.

A tradição creditou aos reis o início da expansão territorial de Roma. A República foi rapidamente levada à guerra com os vizinhos latinos de Roma, que, depois de 493, porém, foram levados a ligar-se a Roma por tratados. No séc. V ouvimos falar de contínuas guerras contra os sabinos ao nordeste, e contra os equos e os volscos ao sul. Destas décadas, o conto do apelo da mãe romana e do patriotismo arrependido de seu filho exilado imortalizaram o nome de Coriolano, enquanto a resposta do patriota ao chamado do dever lembra sempre Cincinato, que deixou seu arado em meio ao campo para liderar seu país. O século terminou com a

guerra contra Veios, cidade etrusca vizinha ao norte de Roma, no outro lado do Tibre, e sua captura em 396. Logo depois, porém, em 387, Roma caiu vítima dos gauleses, cujo avanço ao sul através da Península Itálica foi sentido não menos intensamente pelos etruscos, latinos e outros grupos falantes do idioma itálico. A recuperação de Roma depois do saque gaulês, e a debilidade de seus vizinhos como consequência da invasão gaulesa, abriram caminho para o aparecimento de Roma como a líder dos latinos (338). Roma imediatamente iniciou as três grandes Guerras Samnitas (343-290). Depois disso Roma enfrentou os gregos do sul da Itália guiados pelo rei Pirro, de Epiro (280-275), e, com a Itália segura, iniciou a longa luta com Cartago (264-146) da qual emergiu como o poder dominante no Mediterrâneo.

Uma breve descrição da pré-história tardia italiana

Antes das escavações no santuário de Sant'Omobono só teria sido possível escrever como se a Arqueologia de Roma começasse na Idade de Ferro. O Lácio, porém, foi habitado desde o período paleolítico, e evidências mais recentes demonstraram que existiu um assentamento em Roma no segundo milênio a.C. O Capitólio era uma colina habitada nesta época, como demonstram os fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze Apenínica encontrados lá e também encontrados no grande preenchimento sobre o templo do séc. VI no santuário de Sant'Omobono no sopé do Capitólio em direção ao Tibre. Material adicional, de data mais antiga, mas ainda pertencente ao período antes de 1000 a.C., foi identificado junto ao Fórum.

A Idade do Bronze italiana tem pouco do brilho de seu equivalente na Grécia, e não havia nenhum Homero italiano para cantar seus louvores. Mais que qualquer outra parte da Itália, a Sicília foi atraída na órbita do Mediterrâneo Oriental. Os comerciantes do leste construíram empórios em Tapso, ao norte de Siracusa, e no final da Idade do Bronze surgiram reinos locais que parecem ser pálidos reflexos dos estados da Grécia micênica. O continente mostra menos influência política do leste, mas artesãos orientais instalaram oficinas para produzir versões locais da cerâmica micênica e versões locais da faiança egípcia na Itália. A exploração de recursos naturais, especialmente o desenvolvimento de mineração de cobre na Sardenha, alimentou um mercado oriental e foi muito possivelmente organizada por mineradores e trabalhadores de metal estrangeiros. Os fenícios poderiam estar já envolvidos neste comércio. Uma parte do continente testemunhou um desenvolvimento precoce no crescimento de grandes assentamentos. Isto foi no Vale do Pó, onde as elevações denominadas Terramare representam os vestígios de cidades bem organizadas iniciadas no final do segundo milênio. Ao sul do Vale do Pó, as Idades do Bronze Média e Final são períodos obscuros. Trata-se da chamada cultura apenínica, cujas informações de assentamentos são parcas e as tumbas são incomuns. Com base nas informações disponíveis até o momento, os grupos apenínicos podem ser encarados como grupos de pessoas vivendo em fazendas dispersas e se reunindo de tempos em tempos em santuários geralmente associados com fontes e grutas. A cerâmica micênica alcançou a Itália Central nos séculos XIII e XII. Nesta esfera aparentemente estável da cultura apenínica aparecem, cerca de um ou dois séculos antes do ano 1000, cemitérios de urnas de cremação que sinalizam o aparecimento de um novo elemento na cultura da península. Estes enterramentos, que também são caracterizados por novos estilos e decoração de cerâmica bem como por novos tipos de bronzes, como a fíbula de arco de violino (alfinete de segurança), fíbula de arco simples, facas curvadas e navalhas retas e curvas, pertencem à chamada cultura "proto-vilanoviana". Este termo se origina de Vilanova, localidade próxima a Bolonha, onde, em 1853, foi encontrado o primeiro desses cemitérios de cremação da Idade do Ferro da Itália Central, que datam do séc. IX a.C. A cultura proto-vilanoviana, a predecessora da cultura vilanoviana clássica, é amplamente representada no Lácio. O período proto-vilanoviano também testemunhou o acúmulo de reservas de metal encontrados frequentemente em grandes agrupamentos de tesouros (fig. 1.4). Os sítios da costa lacial participaram na distribuição e elaboraram objetos de metal que alcançaram desde a Etrúria até a Itália Meridional.

A cultura lacial da Idade de Ferro se desenvolve diretamente de seu predecessor proto-vilanoviano. Os primeiros vestígios da Idade do Ferro de Roma, as tumbas de cremação do Fórum, pertencem à mesma cultura que é representada nos Montes Albanos e no Lácio central e meridional com enterramentos semelhantes (figs. 1.5, 1.6, 1.7). Essas tumbas representam práticas funerárias firmemente estabelecidas. Entre as tumbas mais antigas, a cerâmica e os implementos depositados são frequentemente modelos em miniatura de objetos reais. As oferendas são compostas de um tipo de vasilhas de mesa e uma lança, quando apropriadas, para um homem adulto. Há também exemplos de estatuetas, possivelmente representando um homem vestido de

sacerdote. Miniaturizações deste tipo são raramente encontradas fora do Lácio. A urna de cabana para restos cremados, embora conhecida na Etrúria e Campânia, é típica do Lácio. Embora a documentação das primeiras tumbas de Alba e do Lácio seja dispersa, ela ainda mostra que a tradição romana, segundo a qual seus fundadores foram descendentes dos reis de Alba, reflete um verdadeiro laço entre os romanos do início da Idade de Ferro e os Montes Albanos. O tipo albano/romano de enterramento não é encontrado fora do Lácio. Pertence ao *nomen Latinum*, aos falantes do latim.

Na Etrúria, os cemitérios de cremação do tipo proto-vilanoviano evoluíram para enterramentos de cremação clássicos do tipo vilanoviano desenvolvido (fig. 1.8). Começando com os cemitérios vilanovianos do século IX, a Etrúria também testemunhou uma marcante concentração de população nos centros que vieram a se desenvolver nas cidades etruscas de séculos mais tarde. No Lácio, embora existam menos evidências arqueológicas, parece que um processo semelhante estava a caminho. Nenhuma das cidades do Lácio, porém (com a possível exceção de Roma, onde muito das evidências estão perdidas para sempre), parece ter alcançado o tamanho ou a população dos grandes centros etruscos.

No séc. VIII a Itália Meridional estava aberta para a colonização da Grécia. Dentro de mais um século a maior parte da costa da Sicília e a região em volta do Mar Jônico, entre Tarento e Messina, havia sido colonizada. Mais ao norte, comerciantes gregos estabeleceram-se na ilha de Ischia, na baía de Nápoles, (mesmo antes de começarem os esforços mais importantes de colonização) e proviam um canal de comércio para os receptivos clientes itálicos. É claro que povos semitas residiram no local nesta mesma época e, através destes contatos com o leste, importações do Oriente começaram a alcançar a Etrúria e o Lácio. Defende-se a idéia de que a presença fenícia na Sardenha remonta a este período.

O impacto da colonização grega e fenícia no Lácio e circunvizinhanças foi sempre evidente. Só recentemente, porém, que a força da influência e talvez da colonização etrusca da área ao sul do Tibre tem sido percebida, considerando as evidências dos cemitérios vilanovianos na Campânia, especificamente os de Cápua, interior de Nápoles, e Pontecagnano, agora um subúrbio de Salerno. Os etruscos, assim envolvendo o Lácio antigo, estavam destinados a ser uma força importante no desenvolvimento cultural da incipiente cidade de Roma.

Edificações de pedra no início de Roma

No início do séc. VII os romanos empregaram em suas construções pedras vulcânicas (tufo) de várias jazidas. Inicialmente, e provavelmente até o séc. IV, apenas pedras retiradas em Roma (*cappellaccio*) eram usadas para construção, embora blocos isolados de pedras para inscrições (como o famoso cipo debaixo do *lapis niger* do Fórum, um bloco de tufo *Grotta Oscura*) pudessem ser provenientes de mais longe. Gradualmente, conforme Roma estendia sua autoridade sobre seus vizinhos, a quantidade de pedra necessária para a construção podia ser buscada em jazidas no território de Veios (*Grotta Oscura*) e no Vale do Ânio como também de além das colinas do Janículo junto ao Tibre. Os três tufos de mais interesse para o estudo do início de Roma são o *cappellaccio*, *Grotta Oscura* e *Peperino*.

Cappellaccio, proveniente de Roma, é um tufo lamelar. Resiste mal às intempéries e suas pobres qualidades como pedra de construção explicam porque os romanos, tão logo seus recursos e controle territoriais permitiram, começaram a trazer pedras de lugares distantes. É a pedra utilizada no pódio do Templo de Jupiter Optimus Maximus.

Tufo *Grotta Oscura* é uma pedra vulcânica de cor pálida, descrita como “amarela”. Provém de jazidas próximas ao Tibre, originalmente controladas pela inimiga de Roma, Veios. O tufo *Grotta Oscura* é o principal componente das seções sobreviventes das pedras de construção da muralha de defesa sobre o Esquilino (o “Muro Sêrvio”). A pedra de Fidene, notável por suas grandes inclusões de escombros vulcânicos, era utilizada ao lado do tufo *Grotta Oscura*.

Peperino é um tufo cinzento proveniente de jazidas de Marino, nos Montes Albanos. O primeiro exemplo seguro de seu uso em Roma (troféu de Marcus Fulvius Flaccus no santuário de Sant’Omobono no Fórum Boário) pertence ao séc. III (264 a.C.).

Os tufos de *Gabii*, ou *lapis ruber* (pedra vermelha), provêm de várias jazidas no Vale do Ânio, e a tufa Monteverde provém de além das colinas do Janículo e outras jazidas do baixo Tibre são associadas com a construção da República tardia.

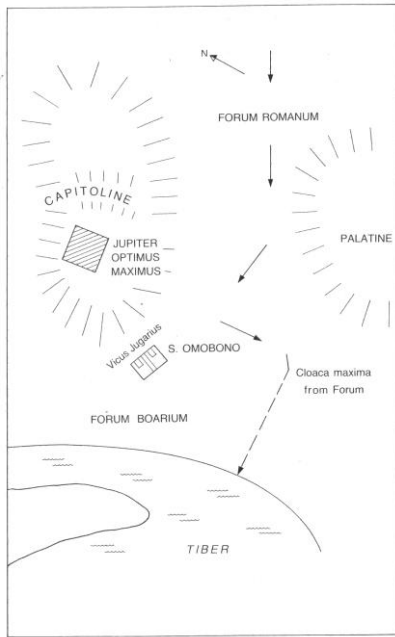


Fig. 1.1 Roma, área do Capitólio, Vale do Velabro e Fórum Boário

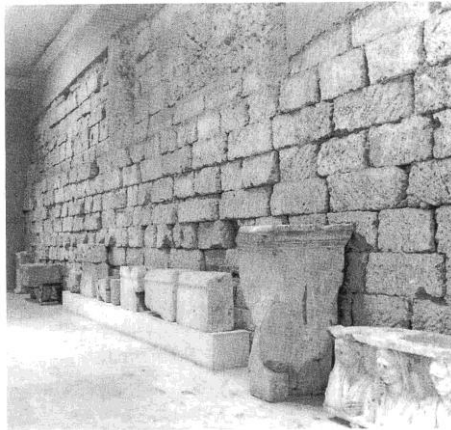


Fig. 1.2 Roma, Capitólio. Fundações do Templo de *Jupiter Optimus Maximus*

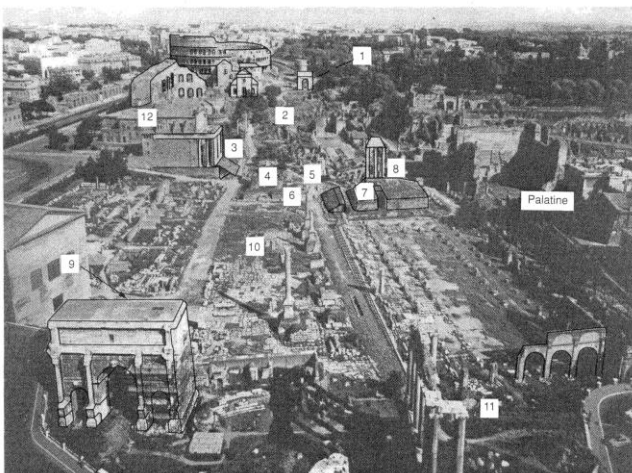


Fig. 1.3 Roma, Fórum visto do Capitólio 1.Arco de Tito; 2. Via Sacra 3. Necrópole; 4. Regia; 5. Templo de Vesta; 6. Arco de Augusto; 7. Templo de Castor e Polux; 8.Fonte de Juturna; 9. *Lápis Niger*; 10. Base de estátua tua equestre (Domiciano); 11. Templo de Saturno.



Fig. 1.4 Monte Rovello-Allumiere, tesouro de metal bruto e machados de bronze. Período proto-vilanoviano



Fig. 1.5 Roma, Fórum, Tumba Y, desenho dos vestígios *in situ*. Um grande vaso, *dolium*, armazena a urna de cabana (com os restos cremados) e outras oferendas.



Fig. 1.6 Miniatura de objetos reais provenientes de tumbas da Idade do Ferro dos Montes Albanos

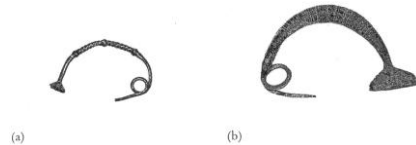


Fig. 1.7 Fibulas de bronze, (a) tipo de arco torcido; (b) tipo de arco engrossado



Fig. 1.8 Urna cinerária e elmo de tipo vilanoviana.

